

FH

HELENA CHAGAS



de Brasília

Governar é preciso

• Fernando Henrique Cardoso resolveu seguir os conselhos dos ministros políticos e vai sair em busca da popularidade perdida. O Planalto bem sabe que índices de aprovação são inversamente proporcionais a aumento de inflação, recessão e desemprego. Nisso, pouca coisa funcionará a curto prazo. Mas o Governo acompanha com certa apreensão os chamados movimentos sociais e percebeu que alguma coisa tem de ser feita.

Saque a supermercados em São Paulo na semana passada, campanhas contundentes de entidades como a CNBB, aumento exagerado no preço da cesta básica, rebelião de governadores, noticiário sobre o pior desempenho da economia desde 1992. O quadro pode não ter ainda as cores mais dramáticas, mas está deixando muita gente com a pulga atrás da orelha.

O Planalto preocupa-se principalmente quando identifica setores de olho no agravamento da crise social, prontos a tirar partido. O que mais vem irritando Fernando Henrique, segundo interlocutores, na queda-de-braço com o governador Itamar Franco não foi a recusa do antecessor a conversar. São informações trazidas pelos ministros peemedebistas que estiveram em Belo Horizonte de que, na entourage de Itamar, são freqüentes afirmações de que o país vive o caos social e que FH não conseguirá levar seu mandato a bom termo.

Foi a partir disso que o presidente parou de insistir na reconciliação com o ex e passou a jogar mais pesado, recorrendo a empresários e até a donas de casa mineiras (e tucanas) para tentar passar a idéia de que Minas não está unida em torno do governador — e nem da idéia do caos social.

Inflação e desemprego são, todavia, assombrações muito mais assustadoras do que Itamar Franco. Do sucesso na missão de exorcizá-las vai depender a colocação do Governo Fernando Henrique no ranking da história. Isso é tarefa demorada.

Mas não é porque no momento a crise ainda corre solta e o Governo está mais preocupado com a questão básica de não deixar quebrar o país que nada pode ser feito para minorar seus efeitos perversos sobre a população.

É por aí, depois de muita insistência dos aliados, que o Planalto está começando a deflagrar uma ofensiva para tentar mostrar à sociedade que o Governo não está encastelado em Brasília acompanhando a cotação do dólar. Nas palavras de um aliado, a FH não resta outra saída no momento: é governar ou governar.

Para esses interlocutores, ficou claro nos últimos dias que ele vai trabalhar para afastar o clima de imobilismo que tomou conta do Governo enquanto a equipe econômica empenhava-se em resolver as coisas por tentativa e erro no Banco Central. Atordoada pela crise, boa parte da Esplanada parou neste início de segundo mandato.

Preocupado, Fernando Henrique pediu aos ministros —

em especial aos mais ligados à área social — para que façam levantamentos detalhados do que foi, está sendo e ainda será feito em cada setor. A partir desse levantamento, vai surgir o que está sendo chamado no Planalto de agenda positiva: ações destinadas a minorar os efeitos da recessão e lembrar aqueles que reelegeram FH que ele ainda tem compromisso com o desenvolvimento.

— O presidente andou desanimado, mas agora está bem. E vai correr para recuperar o espaço que perdeu com a crise — diz um interlocutor de FH.

O próprio Planalto é reticente quanto a datas e à amplitude dessas medidas. Por lá, afirma-se que enquanto não for fechado o novo entendimento com o FMI para liberação da parcela de R\$ 9 bilhões ou aprovada a CPMF no Congresso fica difícil anunciar qualquer coisa que invoque o ato de gastar. No momento, o Ministério do Orçamento anda à cata de mais gorduras para cortar no já esquelético Orçamento da União para 1999.

Fernando Henrique também não quer ser demagogo e anunciar por anunciar, ainda mais num momento de delicadas negociações com o FMI. Mas ele mesmo admite, em conversas com auxiliares, que é possível implementar medidas específicas, aqui e ali, aplicando melhor recursos já existentes e dando mais dinamismo aos ministérios.

Há ainda uma segunda frente. No rastro do fenômeno que sempre intrigou os analistas, o de que costuma ter popularidade superior à de seu governo, FH investirá num programa solo para tentar recuperar as boas graças do povo.

A conselho dos que acham que deve ficar o menor tempo possível em Brasília nesses dias de crise, vai voltar a viajar, percorrer o país, inaugurar obras, discursar em encontros e seminários. Ontem, no Rio para encontro do Mercosul. Hoje, dá aula em Vila Velha, no Espírito Santo. Amanhã, inaugura a Hidrelétrica Sérgio Motta na fronteira de São Paulo com Mato Grosso. Na quinta-feira, uma fábrica de compensados no interior do Paraná. Com a maratona, FH completa 178 viagens domésticas desde que assumiu, em 1995.

Se a ofensiva vai convencer, ninguém sabe. Para a maioria dos brasileiros, o preço dos produtos nas prateleiras já é mais alto do que qualquer palavra do que qualquer palavra. Porém, para quem já apertou os cintos, é sempre bom constatar que o piloto não sumiu.